

Coisa de Homem

Taric era apenas um garoto, com os joelhos esfolados de brincadeiras e os sonhos ainda pequenos, quando, certo dia, estendeu a mão curiosa para um copo de cerveja esquecido na roda de conversa dos homens do bairro. O toque frio do vidro o fez sentir-se grande por um instante, mas a ilusão foi quebrada pela voz rouca de um dos adultos:

— Você só pode beber quando crescer. Bebida é coisa de homem.

Aquelas palavras se fundiram como ferro e solda a alma do menino. A partir daquele dia, Taric não quis mais ser criança. Se crescer era condição para ser alguém, ele faria isso rápido. Deixou os brinquedos, afastou-se das correrias e das risadas infantis. Passou a rondar as rodas de conversa dos mais velhos, atento, tentando absorver cada gesto, cada silêncio. Começou a trabalhar cedo, carregando fretes nos mercados do bairro. Os calos em suas mãos eram medalhas de um crescimento forçado.

Logo, o copo de cerveja que antes era proibido virou ritual. E com ele, vieram outros excessos. Nas esquinas e vielas, a busca por ser mais homem do que os outros o empurrou para o uso de drogas. Até que um dia, já mais endurecido pela vida, ouviu de um traficante:

— Para entrar aqui, tem que ter muito culhão.

Aquilo foi desafio. E Taric nunca fugiu de desafios. Mas o caminho que escolheu o levou para trás das grades. Lá, onde os relógios marcam sempre a mesma hora e o silêncio é mais frequente e certo quanto as paredes sujas e grades de ferro, conheceu um velho. Um homem de olhar tranquilo, apesar do lugar em que estava. Ele lhe contou que havia sido preso injustamente, mas nunca permitiu que isso lhe roubasse o que considerava ser as verdadeiras marcas de um homem: ser justo consigo mesmo e com os outros, falar a verdade, ser responsável e ter domínio próprio.

Taric escutou cada palavra, mas foi o que o velho não disse que mais o marcou. A ausência de orgulho vazio, de bravatas, de qualquer palavra lançada ao vento, lhe ensinou mais do que os conselhos diretos. E ali, no canto frio da cela, Taric fez um juramento silencioso: jamais falaria sem medir o peso de suas palavras, pois sabia agora o quanto elas poderiam moldar destinos.

Tito Bela Vista__1999

Prometida

Foi em agosto, quando o chão do loteamento 36, em Aldeia, começou a ser rasgado por tratores e homens apressados. A terra revirada libertou o que nela dormia, e as cobras, desabrigadas, deslizavam silenciosas para as poucas casas já erguidas. Era um tempo de transição, de coisas antigas sendo arrancadas para dar lugar ao novo.

Gaspar caminhava em círculos, murmurando as questões da prova que decidiria seu ingresso no exército. O peso do futuro o impedia de repousar. Na casa ao lado, Taciana o observava pela janela.

O terreno em declive deixava sua sala exposta aos olhos dela, como se o destino tivesse desenhado aquele ângulo só para que ela pudesse vê-lo. Cinco anos mais nova, ela assistia, silenciosa, a vida do rapaz que ocupava seus pensamentos.

Quando Mônica, a namorada de Gaspar, chegava, Taciana recolhia os olhos, mas o coração permanecia em vigília. Disfarçava a intensidade com olhares que todos julgavam fraternais, embora neles habitasse um desejo inquieto, delicado, ingênuo.

Naquela tarde, Mônica saiu às pressas. A mãe, adoentada, precisava dela. E, como se o destino escolhesse suas pausas com exatidão, Taciana desceu até a calçada, onde Gaspar tentava fugir do peso do próprio corpo.

— Sem sono? — ela arriscou, a voz baixa, quase um segredo.

Ele sorriu. Um sorriso cansado. A conversa brotou dali simples como nascem as coisas que não sabem ainda o quanto vão durar. Falaram de tudo e de nada, como quem prepara o terreno para um sonho. Gaspar falou do medo da prova, das incertezas de ser homem. Taciana falou de livros, de tardes longas, de futuros que ainda cabiam no seu campo de visão.

Não houve toques, mas houve encontros. Um anjo, passando por ali, pousado, juntando em energia as mãos do casal nas dele, selando promessas que só o coração entende. Ele contou que terminaria com Mônica e esperaria um ano para iniciar a nova vida com Taciana.

A menina, então, voltou para casa com a leveza de quem carregava ventos leves dos sonhos possíveis. Entrou de pontas dos pés, cuidando para não acordar a mãe. E dormiu com o futuro arrumado sob o travesseiro.

Acordou ao meio-dia, com vozes esgarçadas na rua. Gritos, correria, o som de algo que não se pode desfazer. Na cozinha, sua mãe a esperava.

— Filha... Gaspar morreu.

Foi no banho, disseram. Uma cascavel o picou pelo basculante.

Décadas depois, Taciana contou-me essa história. Sentadas ao lado do convento em Olinda, em um banco de madeira carcomido,

Ela me disse que foi ali, naquele agosto, que entendeu o peso da entrega. Que Deus, às vezes, pede tudo e que algumas promessas simplesmente não se cumprem.

Tito Bela Vista __ _2003

INQUIETO

Nos dias de festa e alegria da Copa de 1994, Nalva descobriu que seria mãe. Sentiu a felicidade lhe tomar o peito, certa de que Célio, ao saber, lhe pediria em casamento. E assim aconteceu.

Salomão chegou ao mundo com uma inquietude que desafiava seu primeiro mês de vida. Não demorou para que os exames desenhasssem o diagnóstico: autismo com hiperatividade. Com ele, veio também um luto inesperado, um luto sem corpo, mas que pesava sobre Nalva como um fardo invisível—o luto de um filho que nunca existiu.

No meio desse luto, Nalva foi morrendo um pouco a cada dia, dissolvendo-se na vida do filho até esquecer a sua própria. Célio partiu antes que a dor pudesse envolvê-lo por completo. Justificou sua ausência como necessidade—precisava preservar a própria saúde mental para continuar trabalhando, para seguir sustentando a casa.

Os anos se desenrolaram em uma rotina repetitiva. A luta de Nalva se materializou na batalha pela matrícula de Salomão na escola, um embate que ela jamais imaginou ser capaz de enfrentar. No fundo, sabia que a inclusão era tão necessária para ela quanto para ele. Seria o único momento do dia em que poderia respirar, sem o trote ritmado dos passos apressados do filho ecoando pelos cômodos.

Esse som a feria de um jeito único—não era raiva, não era cansaço, era uma tortura silenciosa que lhe raspava a alma. Mas Nalva nunca reclamou. Carregava tudo consigo, sem dividir o peso com ninguém.

No ano em que o Brasil foi pentacampeão, Salomão escapou da escola na hora do recreio. Aproveitou-se da distração alheia, da incredulidade de todos quanto à sua capacidade. Passou despercebido, como tantos outros alunos com deficiência que pareciam invisíveis aos olhos da escola.

A cem metros da Escola Paroquial Nossa Senhora de Fátima, encontrou o destino num carro que vinha na contramão. Dois enterros.

Mas Nalva continuou andando.

Falava para o vazio, preenchia o silêncio com perguntas sem respostas. E seguiu assim por muito tempo, até aprender, aos poucos, a respirar de novo. Casou-se outra vez, teve outra filha. Rebeca trouxe um novo ciclo, mais calmo, mais brando.

E, nas tardes de outono, quando a menina estava na escola e o vento fazia dançar as folhas caídas, Nalva adormecia, acordava às 16h. Sempre sorrindo. Porque, entre o sono e o despertar, ouvia, outra vez, os passos de Salomão.

Tito Bela Vista__2018

De Hora Marcada

Em Água Preta, todo mundo conhecia Lurdinha, a lavadeira ligeira que descia as margens do Rio Una como se o mundo fosse um trilho e ela, a locomotiva. Ninguém nunca viu Lurdinha perder tempo. Era lavar, torcer, bater roupa nas pedras e correr pra entregar o fardo de volta às casas. Nunca teve namorado, diziam que por falta de tempo, outros diziam que era por feitiço. Mas bonita, ah, isso ela sempre foi. E misteriosa também, principalmente depois da história do anjo.

Contava-se que, numa tarde antiga, enquanto ensaboava lençóis no Una, um anjo a visitou. Chegou manso, pé na água e olhar sereno. E disse, com palavras que só ela entendeu, que sua hora viria em 4 de março de 1984. Lurdinha nunca escondeu o recado, espalhava aos quatro ventos como quem conta sobre o clima ou o preço do feijão. Mas o povo ria. "Lá vai Lurdinha locomotiva!", gritavam, zombando da pressa dela e das previsões celestiais.

O boato tomou outro rumo quando uma grande funerária, daquelas que até no Paraguai tinha serviço, chegou na cidade com suas propagandas extravagantes. Uns riam das brincadeiras com a morte, outros fechavam a cara. Mas foi no Bar de Bené que a história de Lurdinha atravessou o destino. O representante da agência funerária escutou o caso e achou o enredo curioso demais para não transformar em evento. Escreveu carta, recebeu resposta e, animado, procurou Lurdinha.

— Um evento, Dona Lurdinha! A senhora se deita no caixão, a gente faz uma encenação. Depois, é comes e bebes pra todos!

Lurdinha olhou com seus olhos antigos e rápidos. Dinheiro ela não quis, mas aceitou o espetáculo. Sabia que ninguém escapa da morte, mas poucos têm a chance de encenar a própria.

E foi assim. No dia 4 de março, a praça se encheu. Tinha gente que nunca lavou uma camisa na vida, mas lá estava, curioso. Lurdinha chegou bonita, vestida como quem vai a um casamento. Subiu no altar de madeira, e antes de se deitar, falou com a voz firme:

— Agradeço a todos que confiaram suas roupas a mim. Fui feliz, mesmo na pressa. E me desculpem por sempre correr tanto.

— Locomotiva! — alguém gritou, arrancando uma risada geral.

Lurdinha sorriu. Um sorriso largo, bonito.

— Fui, mas fui feliz. Obrigada.

E deitou.

O homem da funerária subiu em seguida. Falou da qualidade dos caixões, do cuidado com os corpos, do respeito às memórias. Disse que honravam os mortos, mas que o evento era uma celebração da vida. No final, anunciou que era hora de servir o pão com salsicha e o suco de maracujá.

— Vamos, Dona Lurdes. Tá na hora de levantar.

Mas Lurdinha não se mexeu. No seu dia mais belo, escolheu não levantar. No silêncio que se seguiu, o povo entendeu. Alguém chorou, alguém praguejou, mas ninguém ficou indiferente.

Sabida que era, Lurdinha fez da própria partida uma despedida bonita. Deixou o povo com saudade e, mais que isso, com história. E ainda garantiu, sem gastar um tostão, o próprio velório.

Assim partiu a locomotiva. No tempo certo, na pressa exata. E dizem que, no céu, o anjo lhe esperava.

Tito Bela Vista __ _2012

NÃO HÁ MAIS FESTAS EM SANTA MARIA

Ainda quando Santa Maria da Boa Vista era apenas um esboço de cidade, um povoado sustentado pelas travessias no Rio São Francisco, o cotidiano era simples, mas repleto de esperança. As pessoas se ajudavam, riam juntas, e cada tijolo assentado era um sonho de futuro. Imaginavam escolas, lojas, bancos. Imaginavam os filhos estudando ali, crescendo com a certeza de que tinham um lugar no mundo.

No mês de junho, o povoado se encheu de cores e sons. Era tempo de festa junina. E foi uma festa como nunca se viu. Gente de toda parte, até de longe, do Recife, que enfrentaram um dia inteiro de viagem só para o arrasta-pé. O chão de terra virou salão de dança, o céu foi riscado por fogos, e a alegria era tamanha que parecia abençoada pelos próprios santos juninos. Daquela noite nasceram doze casamentos, inclusive o de Haroldo e Odete, o casal mais rico, que até hoje, dizem, deixou a maior riqueza em seus descendentes.

Mas a alegria tem um tempo curto quando o medo vem bater à porta. Dois dias depois, chegaram os homens da lei. Trajavam roupas fechadas, escuras, e cada um carregava a Bíblia como se fosse um fuzil. Pediam hospitalidade, rezavam alto, falavam de diabo e inferno. Trouxeram com eles uma gravidade que pesava mais que o calor de quase quarenta graus.

E o povo, que só queria ver a cidade crescer, viu-se seduzido. O medo é um laço fácil de prender. Um a um, foram se entregando àquelas palavras pesadas, às vestes longas que cobriam até o último pedaço de pele. Caminhavam pelo povoado como sombras, em silêncio, protegidos da vida e do pecado.

Até que um dia, o líder do grupo anunciou: um anjo desceria dos céus. E todos aguardaram com olhos cheios de fé e medo. Mas o céu permaneceu em silêncio. E quando voltaram para casa, encontraram algo que nunca imaginaram.

Inês de Lira corria nua pela rua de terra batida. Filha de Amaro Lira, homem de poucas palavras, que chegara ao povoado vindo de Caruaru, onde diziam que havia sido pistoleiro antes de se aposentar e buscar sossego em terras distantes. Inês, com apenas 16 anos, foi acolhida pelas mulheres do povoado. E entre soluços e medo, acusou o líder religioso. Disse que ele a atacara enquanto todos estavam de olhos voltados para o céu, esperando o anjo que nunca veio.

No dia seguinte, o silêncio foi quebrado pelo espanto. O corpo do líder foi encontrado em duas partes: uma na porta da igreja, outra na saída do povoado. Não se sabia quem fizera aquilo, mas muitos olhares se voltaram para Amaro, que permaneceu calado, como sempre.

A cidade nunca mais foi a mesma. O povoado se dividiu. De um lado, os que vestiam o luto e o medo, agarrados às rezas e ao terror do inferno. Do outro, os que preferiram o som da festa, a luz do São João que já não voltaria.

Jamais houve outra festa como aquela, a última antes da chegada dos missionários. E até hoje, quando o mês de junho se aproxima, há quem diga que o silêncio do povoado é o eco de uma alegria que morreu antes de ver a cidade montada.

Tito Bela Vista __ _2018

ALMA MILITAR

Mário nunca soube o que era medo até conhecer Leila. Em dez anos de casamento, metade deles foram vividos à sombra da farda dela, de seus gritos, de sua rigidez e da presença constante da violência que carregava nos olhos. A princípio, ele tentava acreditar que era só o hábito da profissão. Mas com o tempo, entendeu: Leila não era só parte do sistema, era o próprio sistema, feito de força bruta e de limites inexistentes.

A decisão de contar a verdade surgiu em um instante de lucidez, desses que vêm entre uma madrugada de insônia e um café frio. Ele seria pai.

Ana Socorro, a mulher que arrumava a casa, carregava em seu ventre um pedaço dele, algo que, por escolha e por medo, jamais permitira a Leila. Não havia mais espaço para fuga.

Os últimos dias antes da chegada de Leila foram um desfile de angústias. O silêncio da casa parecia se alongar e crescer sobre ele.

Pensou em pedir ajuda, mas a vergonha e o orgulho amordaçaram sua vontade. Não se fala sobre isso. Um homem pedir ajuda? E contra uma mulher? Contra sua própria esposa? Ninguém o ouviria.

Mário sabia que Leila não o perdoaria. Mas isso pouco importava. O que lhe tirava o sono não era a traição, e sim a retaliação. Ele conhecia as histórias. Sabia do inquérito policial militar, das denúncias que circulavam baixinho sobre seus excessos durante os últimos anos do golpe militar, sempre abafadas pelo medo e pela posição hierárquica.

A violência dela era solta, imprevisível, sem freios. E ele, um alvo fácil.

Na véspera do retorno de Leila, fez tudo como se fosse um dia comum. Arrumou a casa, tomou banho mais cedo do que de costume, sentou-se no sofá. O relógio parecia caminhar para trás.

Oito horas de espera, e a sensação de que o tempo se arrastava de propósito, zombando de sua inquietação.

Então, a notícia.

A TV piscava diante dele, trazendo a voz grave do apresentador: o voo Varig 254 havia caído na região Amazônica. Se tinha poucas informações naquela hora, mas já se sabia da existência de corpos.

Mário afundou no sofá.

Sentiu as mãos tremerem. Um nó na garganta. Um alívio que, por um instante, pareceu errado. Mas não era. A espera toda feita de toneladas, da confissão, do medo – tudo se dissolveu naquele instante.

Não houve gritos. Não houve discussões.

E, pela primeira vez em cinco anos, Mário amanheceu.

Tito Bela Vista __ 2021

O Hipnotista

Armando Paraíso da Luz avistou a manchete enquanto cruzava o centro de Barreiras, esperando por Núbia à porta da igreja. O Diário de Pernambuco anunciava a inundação iminente da cidade para dar lugar à ampliação do Rio São Francisco. O coração de Armando apertou. Petrolândia, sua casa, seria engolida pelas águas.

Dias depois, o rádio local trouxe a confirmação: o prefeito anunciava a chegada de Antônio Hanstawers, um homem formado na Alemanha, designado para auxiliar a população na transição para a Nova Petrolândia. Armando já sabia que a cidade estava condenada.

O casarão dos Paraíso da Luz, bem no meio da vila, guardava um segredo. Uma reserva de ouro bruto incrustada na terra, protegida pelo silêncio da família. Muitos parentes já haviam partido, levando suas partes, rumo ao Uruguai, guiados por uma tia casada com um estrangeiro. Mas Armando ficara.

Com a chegada de Antônio Hanstawers, Armando começou a observar o povo. No início, a revolta crescia entre comerciantes e idosos. O padre, inflamado, condenava a inundação como um roubo descarado. Chico da padaria, nostálgico, lamentava os tempos em que os prefeitos se curvavam a Dr. Sérgio Paraíso da Luz, bisavô de Armando.

No entanto, algo curioso aconteceu. Aos poucos, a revolta foi cedendo lugar à aceitação. Os moradores passaram a planejar suas vidas na nova cidade, como se guiados por uma esperança mansa, quase doce. Até Núbia mudou de ideia. Foi contra a inundação, mas depois de um encontro com Antônio Hanstawers, voltou convencida de que deveriam partir para a nova Canaã. Armando achou tudo estranho demais.

Tomado por desconfiança, foi até o consultório improvisado de Antônio. O homem falava com pausas medidas, e no silêncio entre suas palavras parecia surgir um mundo novo, sem fome, sem seca, sem serpentes na poeira quente. O cheiro de patchuli pairava no ar. Armando, confuso, chamou-o de diabo. “Isso é alquimia”, Antônio sussurrou. A frase colou em sua mente como um sonho que a gente tenta esquecer e não consegue.

No dia da partida, todos estavam prontos. Armando viu seus tios subirem na Rural de Pedro Ferraz, sorridentes, convencidos de que um recomeço os aguardava. Núbia e seus pais passariam logo mais. Mas Armando tinha um último gesto a fazer.

Foi até o casarão. Pegou uma corrente e um cadeado, prendeu-se ao cofre onde o ouro dormia, tinha lançado a chave na mala de um dos tios. Deitou-se no chão frio. Por três dias permaneceu ali, ouvindo as vozes da cidade sumirem pouco a pouco.

Quando as águas do Rio São Francisco finalmente tomaram Petrolândia, Armando sorriu — concluindo que teve que se amarrar para que seu corpo não obedecesse a bruxaria de Hanstawres.

*Tito Bela Vista*__ - __ 2022

Promessa cumprida

O tempo — marcava o aniversário de 78 anos de Amaro Pajeú. Sentado à cabeceira da mesa, no meio do burburinho de um restaurante em Gravatá, ele observava seus filhos. Homens e mulheres feitos, cada um carregando nos gestos um pedaço da história que ele e Santina haviam começado juntos, muito antes de qualquer um deles existir.

Santina se foi cedo. Cansada, com os olhos já meio perdidos nas memórias do canavial, sussurrou pela última vez:

— Amaro, me promete que vai cuidar dos meninos?

E ele prometeu. E cumpriu.

Nunca trouxe outra mulher pra dentro de casa. Nunca quis reconstruir o que já tinha sido inteiro com ela. Continuou plantando, vendendo na beira da BR-232, fechando a quitanda no mesmo horário todos os dias, só pra buscar os filhos na escola. Voltava com a cara fechada, mas era só fachada: bastava uma piada boba ou uma careta bem feita e lá vinha o sorriso escondido, escapando no canto da boca já com poucos dentes.

O curso natural levou seus filhos pra longe. Um por um. O último foi o caçula, que virou capitão da Marinha. Amaro ficou só no velho casebre. Sem risadas de criança, sem passos correndo no chão de barro batido. Mas o cheiro do café de Santina... insistia em ficar.

O único companheiro era um cachorro sem nome. Amaro o chamava apenas de “Cachorro” — talvez por medo de esquecer, talvez por preguiça de inventar.

Já não confiava tanto na memória.

Usava calculadora até pra contas fáceis. Evitava falar sozinho, como se quisesse esconder do mundo que já não era mais tão certo de si.

E quando os filhos vinham — cada vez menos — o silêncio entre eles parecia mais pesado que um trator.

Naquele dia, um dos filhos, o mesmo que nunca terminara de ler uma carta, levantou-se para fazer um discurso. Falou de amor. De gratidão. Amaro escutava quieto. Nem lembrava mais o gosto das lágrimas, mas quando uma caiu, escorreu até a boca, reconheceu. Soro.

Olhou pra fora do restaurante, depois para os filhos. A voz saiu quase num sussurro:

— Será que ainda dá tempo de buscar o lenço de Santana?

Era só um pedaço de pano velho. Mas guardava nele o cheiro dela. O último abraço possível.

O caçula, firme como só os capitães sabem ser, respondeu sem hesitar:

— Amanhã eu trago, pai.

Amaro se levantou devagar, com a ajuda das cadeiras. Deixou que o levassem.

O carro branco o esperava na porta. E ele chorava, mas a sensação de dever cumprido era maior do que a tristeza de saber que estava indo para um lugar onde seria esquecido.

E até o último suspiro, até o último fiapo de consciência que Deus lhe concedeu, esperou pelo lenço.

...que nunca, nunca chegou.

Tito Bela Vista __ __ - 2024

Em vão vigia a sentinela

A brisa depois do mormaço cortava o arraial de Belo Monte, trazendo o cheiro da mata intocada ao norte. Era lá que Fulgêncio Cândido desejava erguer um muro — um escudo contra as sombras que avançavam. Mas seu clamor ecoava em vão entre os que seguiam Antônio Conselheiro, homem de paz, cuja palavra era lei entre os devotos.

Os extremistas, como eram chamados, olhavam com desconfiança para o pacifismo.

Fulgêncio, entre eles, via com clareza o cerco se fechando. Pregava resistência, alardeava a necessidade do forte. Ainda assim, Conselheiro recusava: “A fé nos guarda mais que muralhas.”

Quando os primeiros ataques vieram, os olhos da comunidade se voltaram para os extremistas. Medo e dúvida andavam de mãos dadas, mas a fé ainda se sobrepunha. O forte foi recusado mais uma vez, e Fulgêncio, em silêncio, se entregou à obsessão dos planos. No isolamento do seu casebre, traçava e refazia mapas, procurava atalhos, reinventava aquele retalho do sertão.

O tempo, porém, não se dobrava à sua urgência.

Os pacificadores impediram as primeiras tentativas de construção. Abraçaram as árvores como se fossem parte deles. Conselheiro, com voz serena, decretou: “Antes matemos os que nos ameaçam do que a natureza”.

Com duas novas investidas da República, os argumentos se dissolveram no sangue derramado. O povo começou a ouvir o que antes ignorava. E quando, enfim, deram-lhe razão, não havia mais tempo para fortificações. Havia apenas fogo e aço nos olhos que vinham do sul, do leste, do oeste — e, por fim, do norte.

Na primeira semana de outubro de 1897, Fulgêncio reuniu a família. Partiram, os que puderam. Ficaram, os que escolheram

Ele, no alto do arraial, tomou sua espingarda. Ouvia o estrondo das tropas, via a mata ser varrida pelo fogo de canhão — justo ali, onde sempre quis erigir a fortaleza.

Chorou antes de disparar. Não por medo, mas pela ironia do destino. Chorou pelo povo que nunca o ouvira. Pela terra que agora, sem escudo, sangrava sob os pés dos invasores.

E então, firme, aguardou o golpe final. Não pediu clemência. Não desviou o olhar. Quando a bala de uma Sawed Off Shotgun perfurou seu peito, Fulgêncio Cândido caiu sem um lamento. Seu último suspiro não foi de derrota, mas de convicção.

Belo Monte, por mais uns poucos momentos ainda foi Canudos.

Tito Bela Vista _ _ _ _ 2020

Poço Claro

Na virada do ano de 1952, a casa ficou pronta. A madeira ainda cheirava a seiva, o telhado recém-colocado rangia à noite, e os filhos e netos de Ulyces de Abreu se espalhavam pelo terreno como raízes de uma árvore recém-plantada. Estavam a catorze quilômetros de Exu, distantes o bastante para que os conflitos entre os Alencar e Sampaio fossem só um rumor levado por alguma lavadeira fofoqueira. O vilarejo, nascido sem pressa, precisava de um nome, e a escolha foi "Poço Claro", por causa do fundo das águas que se via antes mesmo delas serem tocadas.

Mas a água não era de graça. O poço pertencia a Zilda Sampaio, que cobrava religiosamente pelo uso.

E quando a escassez chegou, a notícia correu mais rápido que uma lebre quando foge da raposa. Um mês sem água. No dia da ciranda, antes que os pandeiros e rabecas tomassem a praça, o povoado se reuniu para discutir o assunto.

Zilda não era mulher de se alarmar fácil. Mandou dois homens averiguar, depois foi seu filho Antero quem selou o veredito: o poço estava morto.

Foi então que a posse mudou de mãos. Zilda deu o poço a Marco Ulyces, o primogênito de Ulyces de Abreu. Marco não era homem comum; trazia nos olhos um brilho inquietante, algo entre a lucidez e a perdição. Ele havia bebido chá da ayahuasca e convencido o povoado a seguir uma nova fé, "Novo Oriente". O poço era agora um altar seco, e Marco um sacerdote sem água para oferecer.

As chuvas vieram no final de janeiro de 1961, anunciadas por formigas aladas e pelo silêncio dos papagaios. Choveu tanto que, quando a terra secou, a água voltou ao poço, limpa, como se nunca tivesse sumido.

Naquela noite, a festa foi a maior já vista. Tocava-se sanfona até os pés doírem, e Marco, sentado em sua velha cadeira de balanço, tomava doses de chá e observava. Entre os músicos, um jovem chamava atenção. As moças se alvoroçavam ao vê-lo tocar, e Marco escutou de longe:

— Mas olha como Luiz toca!

O relógio bateu oito da manhã, e Marco se pôs de pé na porta de casa, chapéu na cabeça, esperando.

E então ela chegou.

Zilda Sampaio, acompanhada de seu filho engenheiro, Plínio, e dois capangas. A poeira ainda nem tinha assentado quando ela declarou:

— Vim pegar meu poço de volta.

Marco já sabia. O chá já lhe tinha dado a visão.

— Se bem me lembro, o poço nos foi deixado quando secou.

Mas sem papel assinado, a memória não valia nada. Zilda, impassível, ofereceu um trato: quarenta homens do povoado trabalhariam nas lavouras dos Sampaio por quatro dias na semana, até o fim daquela colheita em troca da água.

O povo recusou. A sede lhes parecia mais justa.

Foi assim que os Sampaio trouxeram a pedra. Dez cavalos puxaram o bloco do tamanho de uma casa. No instante em que a rocha selou o poço, o mundo pareceu prender a respiração. O sol se recusou a se pôr. Às dez da noite, ainda queimava sobre as cabeças do povoado.

E então veio o sono.

Na manhã seguinte, Marco despertou com o barulho do jornal jogado à porta. Ao desenrolar o papel, os olhos pousaram sobre a manchete:

— "Poço Claro receberá quatro poços artesanais. Promessa de campanha do prefeito Zito Alencar."

Como se alguém já tivesse lhe falado sobre aquela notícia durante a noite passada, Marcos voltou para cama.

Tito Bela Vista__ _ 2018